



O ESTUDO DA LEITURA E DA ESCRITA À LUZ DE UMA PROPOSTA INTERACIONISTA SOCIODISCURSIVA

Josefa Aranha Gomes Felipe

Universidade Estadual da Paraíba marly-aranha@bol.com.br

RESUMO: Este artigo expõe um relato de experiência do ensino em sala de aulas do 6º ano no ensino fundamental; tem como objetivo mostrar o avanço e as dificuldades encontradas, em romper as barreiras produzidas pelo método tradicional de ensino, e como os alunos reagem diante de uma nova metodologia que tem como proposta, trabalhar o Interacionismo Sociodiscursivo. As mudanças situadas aos poucos, com a ajuda dos alunos que se adaptam melhor a nova metodologia, faz surgir um maior interesse em lutar por uma educação que forma cidadãos comprometidos com a realidade e o meio, mas, uma maioria de alunos acostumados a cópia de assuntos gramaticais no quadro-de-giz e que estranham a nova metodologia, é uma verdadeira pedra no meio do caminho, que deve ser removida com cuidado e muito esforço. Supervisora e alunos pibidianos planejavam juntos, as tarefas, e aos poucos iam conseguindo incentivar as turmas para o estudo da leitura, da compreensão e interpretação do texto. A produção textual, baseada nos gêneros: fábulas, tirinhas, conto, poesia e outros, ora avançando, ora retrocedendo como é inerente aos projetos que faltam recursos e se debatem para conquistar as metas desejadas. O projeto de estudo da leitura e da escrita, à luz de uma proposta interacionista sociodiscursiva, em salas de aula do 6º ano do ensino fundamental, tem adquirido alguns resultados, mas ainda está longe de afirmar-se como um trabalho em que as novas teorias possam ser uma prática constante do trabalho pedagógico que deve ser vivenciado em salas de aula.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Compreensão, Interpretação, Interação.

INTRODUÇÃO

Trabalhar o interacionismo sociodiscursivo em sala de aula é ampliar acertos na maneira de educar o indivíduo para a cidadania. Mas também é o modo de enxergar as dificuldades que devem ser enfrentadas no modelo de educação que prima pela



liberdade de expressão, pelo envolvimento cada vez maior da Família à Escola e vice versa. A busca pelo conhecimento dos problemas do cotidiano do alunado, com o fim de cooperar no enfrentamento de certos obstáculos e descobrir caminhos que levem o cidadão a pensar, descobrir, planejar e desenvolver ações, é uma tarefa que deve ser seguida com entusiasmo e muita luta. Usar o discurso do cotidiano do aluno na sala de aula e levar o discurso do outro que se identifica com o dele, é uma estratégia que alcança o objetivo de uma educação comprometida com a realidade do aluno e a transformação da realidade indesejada em uma maneira de pensar, criar um universo diferente, onde possa levar o indivíduo a sentir-se mais valorizado e reconhecido como o ser humano que deve ser.

Esta pesquisa tem como cerne relatar de forma concisa o trabalho realizado pela professora de Língua Portuguesa supervisora do PIBID, junto com os alunos da UEPB que faz parte deste tão importante programa de iniciação a docência.

A pesquisa iniciou-se em Fevereiro e se estendeu por todo o semestre, na Escola Municipal Centro Educacional Osmar de Aquino.

O trabalho em sala de aula, com o interacionismo sociodiscursivo é mais dinâmico e inclusivo, mas ao mesmo tempo é lento e dificultoso no alcance dos resultados.

O dinamismo do método se dá pela atuação em sala de aula, onde tudo é motivo para compreensão e interpretação das leituras da vida, como também as leituras de textos escritos e orais. A lentidão se encerra na falta de coragem e preparo de alguns alunos que insistem em não participar das tarefas propostas.

Baseada na linha do interacionismo sóciodiscursivo esta pesquisa visou fazer um apanhado de como funciona este trabalho em salas de aula dos 6º anos do ensino fundamental II e como se pode romper certas barreiras para chegar a resultados tão desejados para melhoria da Educação.



Os autores Irandé Antunes, Martins Ferreira, Paulo Freire, João Wanderley Geraldi, Luiz Antônio Marcuschi, Sérgio Possenti e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa constituem o referencial teórico desta pesquisa.

A leitura, a compreensão e interpretação de textos, a produção textual com temas que importam o compromisso do alunado, a análise linguística, partindo dos textos dos alunos foram prioridades nas aulas de Língua Portuguesa, sem deixar de lado o estudo das teorias gramaticais expostas no livro didático adotado pela Escola, o qual se caracteriza por um propósito interacionista, pois traz uma proposta de leitura de contos, filmes, pesquisas em sites para leitura e vários projetos.

A realização da proposta se fez de forma coletiva, com a participação dos alunos do PIBID e as discussões do envolvimento das leituras da Universidade, com a prática da sala de aula de Língua Portuguesa da professora supervisora que, de certa forma, já vem desenvolvendo um trabalho interdisciplinar e interativo nas suas aulas.

METODOLOGIA

Iniciou-se o ano letivo de 2015 com o tema: Direitos e deveres dos alunos na Escola. Leitura, compreensão e interpretação de um texto oferecido às crianças foi a forma de trabalhar este tema durante uma semana.

Conversa informal e debate, foram estratégias para estimular os alunos a escreverem o seu ponto de vista. A leitura dos pontos de vista escritos por alguns alunos que se prontificaram a ler os seus textos, foi ouvida pela turma e comentada pela professora e alunos pibidianos. Foi realizada reescrita das produções dos alunos com o fim de ampliá-los e rever alguns erros de ortografia já detectados pelos próprios alunos.

Um novo tema foi apresentado aos alunos. Desta vez falou-se sobre Dicas de segurança em praias, açudes e rios. Um panfleto do corpo de bombeiros que falava das regras de seguranças foi o texto base para trabalhar o tema e também o gênero textual.



O livro didático foi apresentado para o aluno com observação do título e autores, editora e outras partes que levam o estudante conhecer melhor o livro que vai trabalhar. Chamou-se a atenção dos alunos para as várias leituras e gêneros textuais que o livro oferece. O gênero poesia despertou interesse dos alunos e a professora aproveitou para trabalhá-lo e oferecer conhecimentos básicos da poesia, como, verso e estrofe.

O projeto, Contos - uma motivação para leitura e escrita, iniciou-se com a apresentação do conto Senhora Holle, o qual os alunos leram silenciosamente e logo depois conversaram sobre o conto e emitiram suas opiniões. A compreensão e interpretação do texto foi realizada em conjunto, pesquisando e dando respostas, ora retiradas do texto, ora das suas próprias interpretações.

Outros contos foram lidos na sala de aula e em casa, como também na biblioteca. Os alunos pibidianos ministraram aula sobre as características dos contos e organizaram oficinas de contos, sugerindo vários temas para os alunos produzirem os seus textos.

A Fábula foi outro gênero trabalhado em sala de aula, e os alunos participaram ativamente deste tema, pois já tinham conhecimento de algumas fábulas e os ensinamentos que estas deixam para os leitores. Foram levados para sala de aula vários exemplos de fábulas e os alunos leram e escreveram sobre elas. Os textos dos alunos foram lidos pela professora e alunos pibidianos depois entregues aos alunos com marcas para pesquisa de ortografia.

Algumas fábulas foram dadas para os alunos lerem e depois modificá-las segundo a vontade de cada um.

A tirinha foi outro gênero trabalhado durante o semestre. Desta vez com o tema: Mães – sua importância e responsabilidades.

Um debate sobre o tema foi provocado em sala de aula, sobre os vários tipos de mães. Após conversar sobre elas, os alunos foram convidados a ler as tirinhas em



cartazes, dos alunos do 6º ano, do ano anterior (2014).

Os alunos ficaram entusiasmado com os trabalhos dos colegas e leram todos os cartazes ali expostos. Após a leitura eles se sentiram motivados para produzir suas tirinhas sobre as mães. Em pequenos grupos desenharam e escreveram suas tirinhas.

A interação no trabalho, com tirinhas, sobre as mães, foi mais efetiva. Além do tema, ser de grande interesse da turma, a produção tinha desenhos, textos curtos, e de linguagem bem coloquial. A professora aproveitou para explorar a diferença entre a linguagem formal e coloquial. Os alunos foram orientados para produzir as tirinhas, tanto na linguagem coloquial, quanto na linguagem formal.

O gênero música, também foi trabalhado na sala de aula com fim de levar aos alunos o tema drogas. Neste gênero levou-se ao conhecimento da turma a diferença entre ritmo e letra e também as variedades de ritmos de todas as culturas que devem ser respeitadas.

A professora e os alunos pibidianos aproveitaram os textos dos alunos para mostrar a diferença entre prosa e poesia, já que os comentários feitos pelos alunos partiram da leitura da letra da música.

Para falar sobre o bullying foi trabalhado leitura, compreensão e interpretação do texto “O patinho feio”. Os alunos contaram historias verdadeiras e inventadas sobre bullying com os colegas e outras pessoas, e também deram seu ponto de vista sobre esta pratica desagradável.

O tema Festas Juninas foi trabalhado para levar ao alunado a importância do respeito a cultura. Aproveitou-se para conscientizá-los sobre o uso de balões apenas para ornamentação. Os alunos do 6º ano confeccionaram balões com a técnica origâmi, ajudados pelos alunos da disciplina de arte do 9º ano.

Em todos os temas trabalhados, e leituras realizadas dos gêneros textuais, aproveitou-se para trabalhar a língua e suas competências. A música Ciranda da



Bailarina foi apresentada e cantada em sala de aula para mostrar aos alunos, que os problemas e as diferenças existem em todos os seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trabalhar a língua, de modo interativo, para obter eficácia, eleva o ensino/aprendizagem e estabelece no indivíduo uma maneira diferente de olhar o mundo do qual ele faz parte. Desse modo a descoberta da identidade, a valorização do espaço em que vive, a compreensão das relações interpessoais e interdependentes são promovidas, de forma mais adequada, na sala de aula, onde o estudo da língua se faz através de técnicas que levam a criança a produzir seu próprio texto, ler o seu próprio mundo e conquistar o espaço, muitas vezes, tomado por aulas excessivamente expositivas, que impedem as crianças de falar, escrever e discutir os problemas que tanto as afligem.

Paulo Freire (2008, p.90) afirma:

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão... se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu – tu.

Nesta proposta, ao trabalhar a leitura dos direitos e deveres dos alunos na Escola, teve como resultado o conhecimento de regras, a discussão quanto a sua eficácia, o aprimoramento do comportar-se na sala de aula e na Escola, a produção textual, com ponto de vista, realizada tanto de forma oral quanto escrita, pois os alunos tiveram o



espaço para falar e escrever sobre o que leu. Contaram histórias verdadeiras e fictícias que aconteceram com os colegas ao infringir certas regras comportamentais da Escola. As narrativas foram realizadas tanto na linguagem coloquial quanto na linguagem formal. Antunes (2003, p. 67) afirma que:

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma *atividade de interação entre sujeitos* e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor.

Geraldi (2006, p. 19) sugere que os professores busquem:

[...] integrar o trabalho com a linguagem em sala de aula, através da leitura ou da produção de textos que levem o aluno a assumir crítica e criativamente a sua função de sujeito do discurso, seja enquanto falante ou escritor, seja enquanto ouvinte ou leitor-intérprete.

A leitura das narrativas por alguns alunos, a correção da ortografia de vários textos no quadro de giz, com a permissão do aluno, para ampliar o conhecimento da língua, foram tarefas realizadas em cada etapa dos temas proposto durante o semestre. A análise linguística dos textos escritos pelos alunos, nas quais são estudadas as várias competências, como: ortografia, pontuação, acentuação, parágrafos, e períodos, coesão e coerência também fizeram parte deste trabalho. Possenti (2012, p. 30) argumenta:

Deveria ser evidente que um dos papéis da escola é propiciar condições para que os alunos venham a escrever certo e bem (tudo o que se diz sobre “não corrigir mais” é erro ou falta de leitura). Tal objetivo só se alcança com muita prática (muita gente gostaria de chegar lá sem esforço, aplicando receitas do tipo “seja claro”, escreva frases curtas”, “evite chavões”...).



A correção dos textos, tanto pelos alunos ao fazerem a reescrita com o objetivo de reorganizar o texto através de seu conhecido repertório de palavras e sinais gráficos, tanto pela professora usando alguns textos no quadro de giz, serviu para aumentar a leitura dos alunos e também levá-los a se preocupar com a linguagem formal. Os alunos perceberam que escrever requer paciência e muito esforço. Possenti (2012, p. 30) afirma:

[...] escrever “bem” é um conceito um pouco relativo. Sempre se escreve um gênero que está em um campo. Não é a mesma coisa escrever um texto científico e uma narrativa policial, um diálogo entre profissionais com curso superior e outro de personagens da madrugada ou da periferia.

Ao trabalhar as competências supracitadas a preocupação em observar o nível de acompanhamento da turma, foi uma maneira de unir a prática a uma teoria mais específica, de fácil entendimento para uma turma de 6º ano do ensino fundamental. É o caso, por exemplo, da coerência e coesão. Estes temas foram trabalhados de forma em que não foi necessário explicar para os alunos o conceito de coerência e coesão, mas sim, através de uma escrita de texto do aluno, no quadro de giz, realizada pela professora, com acompanhamento da turma e do aluno que permitiu expor o texto para a correção, os parágrafos foram sendo reorganizados, retirados e acrescentados, quando necessário, isso com a ajuda do autor do texto, da professora e intervenção dos colegas da turma. As interversões dos alunos pibidianos, sempre se fizeram presentes, tanto na exposição dos temas quanto nas correções dos exercícios de produção. Antunes (2003, p. 30) afirma:

[...] a compreensão deturpada que se tem da gramática da língua e de seu estudo tem funcionado como um imenso entrave à ampliação da competência dos alunos para a fala, a escuta, a leitura e a escrita de textos adequados e relevantes. Há um equívoco tremendo em relação à dimensão da gramática de uma língua, em relação às suas funções e às



suas limitações também [...]

Não é demais afirmar que nem tudo ocorreu com disciplina e muita atenção das turmas, pois parte dos alunos são distraídos, sem compromisso com os estudos e com grande carência de atenção. Muitas vezes os temas em estudo são cortados para tratar de por limites aos alunos que estão tornando a sala de aula num ambiente incapaz para a aprendizagem. Acostumados com aulas em que só copiam conteúdos, alguns alunos sentem dificuldades de se envolver com o debate, e pouco interagem, muitas vezes pediam que o professor lhes dessem respostas prontas ao trabalhar o estudo da compreensão e interpretação dos textos. Pediam exercícios com questões apenas de marcar X, pois em alguns destes exercícios, percebeu-se que existe alunos que sequer leem o enunciado, apenas apostam nas respostas.

Em meio a tantas preocupações e provocações oferecidas na sala de aula, conseguir levar o aluno a ler, compreender e interpretar textos, é tarefa árdua, mas que não foi deixada de lado, pois ler, compreender e interpretar são elementos primordiais para o estudo da Língua, porque é através destes elementos que se pode construir a base da cidadania. Marcuschi (2008, p. 229, 230) prescreve:

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. [...] a compreensão é muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade.

O trabalho com o livro didático que tem uma proposta interacionista teve bons resultados, pois em meio a falta de recursos, o livro proporcionou a leitura de vários textos, o que sem ele, seria necessário copiar textos e exercícios. Isto levaria muito tempo e diminuiria as chances de leitura, debate, compreensão e interpretação. Além do



livro, outros textos são levados para a sala de aula, como forma de ampliar conhecimentos e trabalhar a intertextualidade. A soma dos textos do livro didático, mais textos impressos fornecidos pela Escola e os livros da Biblioteca formaram o conjunto de leituras indicadas e comentadas na sala de aula, o que serve de base para as produções dos alunos, as quais também são lidas e exploradas. “Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva.” (PCN, 1998, p.22).

O gênero poesia trouxe como resultados mais atenção, pois motivou os alunos para ouvir a leitura em voz alta pelo professor e alguns colegas; fazer leitura coletiva, ensaio de coral e jogral e análise linguística em sentido próprio (denotativo) e conotativo. Também foi levada para a sala de aula a música. Escutar, cantar, copiar, fazer ditado da letra da música e comentar sobre ela, foram técnicas que ajudaram a levar o aluno a uma participação mais efetiva na sala de aula. Os resultados do trabalho com a poesia e a música foram pontos relevantes nas aulas, pois prenderam a atenção dos alunos e os encorajaram a falar, ler e cantar, até mesmo os mais tímidos. Assim comenta Ferreira (2010, p.25):

Por ser uma arte tão antiga e tão particular (por ser a única a trabalhar com os sons), a música acabou sendo objeto de inúmeros estudos científicos durante a evolução da humanidade, e tais circunstâncias demonstraram em que medida ela era uma disciplina que envolvia, em seu aspecto interno de relações próprias, referenciais de outras disciplinas. Assim, a música ajudou diversos estudiosos a provarem aquilo que afirmavam dentro da área em que atuavam.

A leitura de livro infanto-juvenil, levado para a sala de aula, em aulas exclusivas de leitura, tem deixado os alunos mais calmos e competentes para a leitura silenciosa. Uma maioria não tinha o hábito de ler em silêncio, mas orientados a ler silenciosamente,



aos poucos foram se acostumando.

A variedade de gêneros apresentada para os alunos, como a fábula, a tirinha, o conto, a poesia resultou na identificação do gosto dos alunos e na motivação para a leitura. Na escolha dos livros levados para a sala, os alunos procuraram ler os textos com os quais se identificavam.

CONCLUSÕES

As observações realizadas durante todo semestre em que esta pesquisa foi desenvolvida faz perceber o quanto é difícil trabalhar um método que traz liberdade e participação. Os alunos sentem dificuldades em se envolverem com as aulas e estranham quando são convocados a ler e produzir textos. A compreensão é mínima, a ortografia é de nível baixo, o pensar bem pouco estimulado. Esses são fatores que levam a cada dia pensar em um novo modelo de educação, pois se observa muitos problemas na aprendizagem do aluno. Sabe-se que o método tradicional é cômodo e simples. Ele ainda é o melhor para fixar o alunado na carteira e silenciá-lo através de intermináveis cópias e exercícios de fixação, mas é ele que exclui e faz o aluno sentir-se inferiorizado e incapaz de pensar, tomar atitudes, questionar e agir coletivamente.

Fazer o alunado entender que precisa pensar, discutir, questionar, criar e agir coletivamente é a maior dificuldade encontrada nas aulas. À medida que dá início ao novo método, alguns alunos entendem como se a sala de aula fosse palco de todo tipo de estripulia indesejada, sem falar do nível de comportamento que trazem do meio em que vivem. Alunos sem limites de comportamento adequado para estar em uma sala de aula.

Outros problemas, como a falta de recursos materiais e até humanos, neste caso a falta de integração de alguns colegas para cooperarem com a interdisciplinaridade,



também é um fator considerável na falta de alcance de bons resultados.

As dificuldades encontradas não são motivos para desanimar, mas provocam baixo rendimento no trabalho. Lutar por uma educação que leve o indivíduo a pensar, agir e sentir-se sujeito de suas responsabilidades se faz urgente. Não se pode desistir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula.** – 7º ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 47. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** – 4º ed. – São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.** Brasília, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Escrever certo, escrever bem.** Língua Portuguesa. São Paulo, v. 8, n. 82, 30-32, ago. 2012.